

Gemma Carbó

Bom dia e sejam muito bem-vindos.

Impressiona-me a quantidade de crianças e jovens que temos hoje aqui. Imagino que alguns dos mais velhos, que ainda não chegaram, estejam a tomar o pequeno-almoço. Esperemos que se juntem a nós em breve.

Antes de mais, fazendo eco das palavras de Marina Garcés, que falou sobre a gratidão no início deste congresso, gostaria de agradecer a todas as pessoas que tornaram possível este encontro.

É um prazer estar aqui com Joan Fontcuberta e Horacio Ríos para falar sobre a linguagem das imagens.

Vivemos num momento em que as imagens ocupam um lugar central na nossa forma de comunicar, de compreender o mundo e também de nos relacionarmos com os outros.

A imagem não é apenas uma representação da realidade. É também uma forma de construir realidade, de transmitir valores, de gerar emoções e de influenciar a maneira como pensamos.

Por isso, a questão que nos reúne hoje é precisamente esta: como podemos aprender a ler as imagens? Como podemos educar para as imagens e através das imagens?

Joan Fontcuberta

Muito obrigado.

Gostaria de começar com uma imagem. A fotografia nasceu associada à ideia de verdade. Durante muito tempo, acreditámos que a fotografia era uma espécie de testemunho objetivo da realidade, uma prova de que algo tinha acontecido.

Mas sabemos hoje que nenhuma imagem é neutra. Toda a imagem implica uma escolha: o que mostrar, o que deixar de fora, de onde olhar, quando disparar, como enquadrar.

A fotografia não é simplesmente uma janela aberta para o mundo. É uma construção.

E é precisamente por isso que precisamos de aprender a olhar.

Gemma Carbó

Quando falamos de imagens, falamos também de educação. Falamos de alfabetização visual, de pensamento crítico e da capacidade de compreender aquilo que está por detrás de uma imagem.

Mas talvez devêssemos começar por uma pergunta muito simples: o que é, afinal, uma imagem?

Joan Fontcuberta

Uma imagem é uma forma de linguagem.

Etimologicamente, sabemos que fotografia significa «escrever com luz». Mas passámos da escrita ao conceito de linguagem.

Hoje, todos comunicamos através de imagens e fazemo-lo de uma maneira natural, sem nos apercebermos. Aprendemos a comunicar com imagens, sejam elas emoticons ou fotografias que tiramos e enviamos a outra pessoa.

O conteúdo dessa imagem consiste em dizer alguma coisa.

E o destinatário compreende-a. Lê essa imagem e reage em função da informação recebida.

Por isso, tornámo-nos — digo isto de uma forma um pouco brincalhona — *homo photographicus*.

Depois do *Homo sapiens*, chega a etapa do *homo photographicus*: aquele que é capaz de utilizar simultaneamente duas formas de linguagem, a das palavras e a das imagens.

Esta linguagem das imagens é mais avassaladora do que a das palavras, porque chegou de repente, sem aviso, e apanhou-nos desprevenidos.

Somos mais consumidores de imagens do que pessoas capazes de fazer uma leitura crítica delas.

Estamos, portanto, perante uma lacuna que precisamos de resolver.

É necessário um grande esforço por parte das políticas educativas, dos programas de ensino, etc., para integrar a imagem não apenas nos trabalhos de expressão plástica que por vezes se realizam na escola, mas também ao mesmo nível que a gramática, a sintaxe, a literatura e as outras matérias dos programas curriculares.

Muitas vezes, em determinados programas escolares, parece suficiente a intervenção de artistas que vêm desenvolver a criatividade. Mas, para mim, isso é apenas a primeira pedra, o primeiro passo.

A imagem é perigosa e comporta riscos, quer seja produzida de forma ótica, com câmaras, quer seja criada através da inteligência artificial e dos algoritmos.

Mas todo o desenvolvimento e todo o progresso comportam riscos. Cada avanço da humanidade implica perdas e ganhos.

Gosto muito de uma frase de Virílio, um dos teóricos do século passado. Ele dizia que, em qualquer modalidade de inovação tecnológica, existe uma negatividade implícita.

Inventar o barco é inventar o naufrágio; inventar o comboio é inventar o descarrilamento; inventar o avião é inventar o acidente aéreo.

Há sempre perigos.

O que temos de fazer é gerir esses perigos de forma inteligente e minimizá-los tanto quanto possível. Temos de conseguir que os ganhos superem largamente aquilo que estamos a perder.

Por isso, se tivesse de convencer pais ou professores céticos, dir-lhes-ia que tomassem consciência do mundo em que vivem e de que as imagens não servem apenas para formar os espíritos.

Alguém como Bill Gates afirmou, num determinado momento, que quem quiser controlar os espíritos deve controlar as imagens. E, nessa altura, comprou a maior agência fotográfica do mundo.

No fundo, não se trata apenas de uma questão de expressão ou de criatividade: é uma questão política.

Hoje, as guerras não se ganham com tanques e mísseis; ganham-se com imagens.

O controlo da narrativa, o controlo da imagem, é aquilo que prevalece no momento de fazer pender a balança.

Por isso, atenção: não estamos a fazer trabalhos manuais.

Estamos a jogar o nosso futuro, as nossas democracias e as nossas economias. E tudo isso depende da imagem.

Parece-me que, com este argumento, qualquer pessoa minimamente responsável deve ter em conta o papel que a imagem desempenha hoje nas nossas vidas.

Gemma Carbó

E como gerimos os riscos, Horacio?

Horacio Ríos

Tenho uma pequena experiência para vos propor.

A conceção audiovisual começa sempre pelo enquadramento.

Para aqueles que não são fotógrafos ou especialistas, o enquadramento é aquela pequena decisão que tomamos no momento em que vamos tirar uma fotografia.

Por isso, proponho-vos que peguem no telemóvel.

Se não colaborarem, será muito difícil. Por favor, peguem no telemóvel.

Os jovens queixam-se de que não os deixaram trazê-lo. Jovens, peguem nos telemóveis!

Não vos deixaram vir com telemóveis? Muito mal feito. Era uma conferência para a qual deviam vir com telemóveis.

Então, peguem no telemóvel e tirem a fotografia que quiserem.

Vejamos o nosso princípio de enquadramento.

Já tiraram a fotografia?

— Eu não.

Muito bem.

Provavelmente, se olharem para a fotografia da pessoa que está ao vosso lado, perceberão que não tiraram a mesma fotografia.

O princípio do enquadramento funcionou.

A determinação do limite da imagem que cada pessoa quer mostrar funcionou perfeitamente.

Passemos agora a outra segmentação do enquadramento.

Quantos de vocês tiraram uma fotografia na horizontal?

E os que a tiraram na vertical, também filmaram?

Não.

Todos aqueles que tiraram fotografias na vertical ou na horizontal irão provavelmente publicá-las num Reel ou no Feed.

Vamos publicar através do Instagram. Parece-vos bem?

O enquadramento cumpriu a sua função.

Agora chega a parte de que falava anteriormente: escrever.

O que vamos dizer sobre esta fotografia?

Passemos ao segundo desafio.

Publiquem esta fotografia e escrevam o que quiserem.

Mas dou-vos um conselho.

Se escreverem: «Realizou-se no Congresso uma conferência dececionante, sobre uma grande realidade dececionante, com dois oradores dececionantes e uma senhora que fez tudo o que pôde para que aquilo valesse a pena», provavelmente o algoritmo ajudar-nos-á a captar entre 60 e 70% de seguidores que não temos, apenas através da polémica.

A partir daí, a relação entre o Facebook e o Instagram fará com que não haja apenas comentários numa rede, mas também no Facebook.

Depois de mais de quinze comentários polémicos, alguém poderá dizer:

«Eu conheço o Joan, nunca percebi nada do que ele diz»,

ou:

«O Horacio é um mentiroso».

E isso irá gerar uma nova série de comentários.

Quando esses quinze comentários forem ultrapassados, o algoritmo começará a gerar outro tipo de resposta, com outro tipo de repercussão.

Lembrem-se de que começámos por falar do enquadramento.

Estávamos a falar do enquadramento.

Ninguém se lembrará do enquadramento.

Provavelmente, ninguém verá a fotografia.

Talvez alguns de vocês tenham tido o cuidado de fazer com que a margem ficasse bonita, de que o Joan aparecesse de um lado, de que eu aparecesse do outro, de que se percebesse a dimensão da cena.

Outros poderão escrever simplesmente «Granollers».

Outros escreverão «Congresso de Granollers».

Irão fracassar — desculpem —, não terão muitas visualizações e provavelmente não vos correrá tão bem.

É isto que hoje nos acontece a partir de um princípio tão simples como aquele que existia antigamente, quando não havia Zoom nem qualquer outro dispositivo que não fosse um suporte para aproximar ou afastar uma câmara que parecia reproduzir a realidade.

Essa fotografia primária era a realidade.

Joan Fontcuberta

Mas isso era, sobretudo, uma crença.

Era um ato de fé, não era?

Horacio Ríos

É que o cinema era isso.

Joan Fontcuberta

Sim, sim, sim.

Horacio Ríos

A primeira exibição cinematográfica provocou uma reação particular. Além disso, eram as pessoas das classes populares que estavam em cima, e algumas atiraram-se para baixo.

Tinham medo de que o comboio saísse realmente da estação e de que não fosse apenas o ecrã.

Estas evoluções fazem com que hoje...

Quantos de vocês não têm qualquer tipo de tecnologia associada ao telemóvel?

Levantem a mão.

Uau! É muita gente.

Joan Fontcuberta

Desculpa, mas disseste uma coisa que me parece valer a pena aprofundar.

Muitas vezes, colocamos a realidade em oposição à ficção.

Mas, no fundo, não são termos antagónicos.

A linguagem, as palavras e as imagens são ficções.

Mas são ficções que nos permitem falar sobre o mundo.

Por isso, se a ficção desaparece, desaparece também o nosso ponto de acesso à realidade, a nossa ponte para essa realidade.

O que temos de fazer, portanto, não é rejeitar a ficção porque ela nos engana, mas geri-la criticamente e utilizá-la como um mecanismo para chegar a compreender o mundo.

Utilizamos ficções — o cinema, a fotografia, as imagens, os textos — para pensar o mundo.

Por isso, no âmbito da imagem, temos de pensar a imagem e pensar com a imagem.

Temos de ensinar a pensar a imagem e temos de ensinar a pensar com a imagem.

Horacio Ríos

Exatamente.

Mesmo dentro de uma visão mais apocalíptica, não acredito que não possamos retirar algo importante e positivo de qualquer uma destas situações de comunicação.

A pandemia ensinou-nos muitas coisas terríveis, mas também nos pôs à prova para percebermos se éramos capazes de continuar a comunicar e a refletir uma parte daquilo que nos estava a acontecer.

Parece-me que a sensibilidade, a criatividade e a expressão, independentemente da forma que procuremos para comunicar, continuarão a depender de nós.

A interpretação de quando e como utilizar estas ferramentas estará evidentemente relacionada com a responsabilidade de quem as utiliza e com a forma como são utilizadas.

Mas também tem a ver com algo interessante, que gostaria de retirar do registo apocalíptico e colocar numa perspetiva muito positiva:

as tecnologias democratizaram as possibilidades de comunicação para muitas pessoas.

Antes, era impossível para muitos de nós ter uma máquina fotográfica.

Por isso, esta igualdade, esta democratização, esta possibilidade de partilhar — pegar agora no telemóvel e mostrar que o meu talvez seja horrível e que a imagem ficou mal, mas que, com muito orgulho, fiz aquela fotografia e a mostrei à pessoa que está ao meu lado —, tudo isso não existia.

Também temos de tentar tirar partido disso.

Parece-me que todos temos de nos adaptar a esta linguagem.

Hoje, falar com um jovem com menos de dezassete anos...

Tenho uma filha de dezasseis anos e, às vezes, pergunto-lhe como está, embora ela esteja noutra divisão.

Gemma Carbó

Sim, penso que isso tem muito a ver com o que estávamos a discutir.

Quando falamos de riscos, tem precisamente a ver com aquilo que acabaste de dizer e com o que a Paola comentou no início.

Nesta leitura da imagem, nesta alfabetização, nesta participação democrática que estes meios permitem, estamos realmente todos envolvidos.

Ou seja, é verdadeiramente democrático?

Estamos a observar esta imagem a partir de todos os olhares possíveis, de todos os lugares a partir dos quais ela pode ser vista?

Penso que é também aqui que está em jogo a nossa capacidade de fazer com que estas linguagens sejam linguagens de *building*, e não de *breaking*, como estávamos a dizer a propósito da diversidade de acessos e...

Joan Fontcuberta

Começa tu.

Horacio Ríos

Não, não.

Quero que ele explique uma coisa que li e que achei incrível. Tem a ver com o processo da pós-fotografia, com uma fotografia que não diz tudo, que não diz necessariamente a verdade ou a mentira da fotografia.

Joan Fontcuberta

Não é exatamente assim.

Quando nasce a fotografia, esta imagem de Niépce que projetei anteriormente recolhia, no fundo, toda uma herança cultural, ideológica e política que tinha as suas raízes no Século das Luzes, no Iluminismo, na vontade de conhecimento empírico, na racionalidade, etc.

Mas baseava-se sobretudo na cultura tecnocientífica do século XIX, na Revolução Industrial, etc.

A fotografia tornou-se uma espécie de sistema ortopédico que nos permite sintetizar uma ideia de verdade visual, memorizar e arquivar.

A fotografia pode constituir uma espécie de enciclopédia visual das coisas do mundo.

Ou seja, a fotografia veio cumprir toda uma série de funções.

Mas isso acontece no século XIX e nós estamos agora no século XXI.

A fotografia continua a cumprir as mesmas funções?

Evidentemente, não.

Acompanhou-nos ao longo dos séculos e ajudou-nos a resolver muitos problemas, mas os nossos problemas atuais são diferentes.

Estamos em plena globalização, digitalização, inteligência artificial, etc.

Qual é hoje o papel daquilo a que chamámos fotografia?

É evidente que está a sofrer uma metamorfose, está a transformar-se, está a mudar.

Reparemos, portanto, que hoje a fotografia já não tem o mesmo compromisso com a verdade que constituiu a sua essência durante tanto tempo.

Hoje, todos os jovens sabem que, com os filtros do Instagram, com o Photoshop, etc., podemos intervir numa imagem e continuar a parecer legitimamente fotográfica.

A memória.

Nos álbuns de família das gerações anteriores, o álbum familiar era o *sancta sanctorum* de uma crónica familiar que contava a genealogia de várias gerações.

Hoje, pelo contrário, essa solenidade, esse valor que atribuímos a essas imagens, desapareceu completamente.

Atualmente, tiramos uma fotografia, enviamo-la e quem a recebe apaga-a ou destrói-a.

Destruir uma imagem fotográfica teria sido um pecado, um sacrilégio.

As fotografias eram bens sagrados que era necessário conservar.

Há toda uma série de valores que mudou.

Mas o que estamos a ganhar em troca?

Estamos a ganhar conectividade e comunicação.

Hoje, muitas vezes, as fotografias não são tiradas pelo conteúdo daquilo que fica representado, mas pelo próprio ato de as tirar.

Por exemplo, levanto a câmara durante um concerto e tiro uma fotografia.

A fotografia será inútil, mas o facto de o flash disparar é semelhante ao que acontecia quando eu era jovem: num concerto, acendíamos uma vela ou utilizávamos outros sistemas de reconhecimento para nos sentirmos parte de uma celebração.

Os usos da imagem estão, portanto, a mudar.

Podemos dizer que a carroçaria continua a ser a mesma, mas utilizamos funcionalidades sociais muito diferentes.

Para mim, isto é um estádio pós-fotográfico.

A fotografia já não está limitada aos seus valores fundadores. Tem de partilhar esse espaço com muitas outras utilidades.

Esta riqueza conduz-nos a um novo estádio, em que a imagem cumpre outros requisitos.

Horacio Ríos

Tudo se torna muito mais complexo quando se trata de um vídeo.

No domínio da comunicação, por exemplo, os algoritmos recomendam que os primeiros quatro segundos são fundamentais.

Quatro segundos.

Quando começaram as primeiras experiências, nos anos 1960, na Escola da Gestalt, para medir quanto tempo uma pessoa precisava para que o olho humano acabasse de apreender corretamente uma imagem, os resultados situavam-se entre quatro e seis segundos.

Hoje, por vezes, temos de publicar uma notícia e avaliar o impacto dos primeiros quatro segundos para não perder o espectador, porque já o perdemos na televisão.

Temos de o levar para o computador ou para o telemóvel, de modo a gerar essa tensão.

O vertiginoso é que chegámos a um ponto em que — e aqui torno-me um pouco mais crítico e preocupado — tudo pode partir de um simples comentário associado a uma campanha realizada na minha cidade.

Antes dizia que não existe património audiovisual.

A determinada altura, a cidade começou a pedir aos cidadãos que trouxessem rolos de filme, Super 8, 16 milímetros, fotografias, o que quer que fosse, para começarmos a recuperar o passado da cidade.

Apareceram casamentos, aniversários de quinze anos, batizados, e começámos a reunir tudo, porque era a única forma de ver o passado, ainda que de uma maneira quase antropológica:

como as pessoas se vestiam, o que faziam...

Era alguma coisa, porque não havia mais nada.

E um museu da cidade começou a reunir essas fotografias, porque elas podiam perder-se.

Joan Fontcuberta

De qualquer forma, estás a fazer uma espécie de prescrição dentro da indústria da atenção.

Exatamente.

Mas então nós, sobretudo quando falamos para uma audiência de professores, não deveríamos antes prescrever uma resistência a estas técnicas de sedução, a estas técnicas que funcionam muito bem no domínio publicitário ou propagandístico?

Se estamos a tentar educar cidadãos responsáveis e críticos, deveríamos ensinar-lhes — virar a questão do avesso — as técnicas que estão a ser utilizadas para captar a nossa atenção e para nos tornar, de alguma forma, submissos.

Gemma Carbó

Lamento interromper-vos, mas temos um tempo limitado e estamos a esgotá-lo. Gostaria, por isso, de resumir um pouco tudo aquilo que foi dito.

Parece-me que, no fundo, estamos todos de acordo em que se trata precisamente de aprender que, ao longo da história, houve muitos momentos em que parecia que o cinema, a rádio ou a televisão iam desaparecer.

E isso nunca aconteceu realmente.

Talvez a fotografia também não desapareça.

Estes tempos e estas realidades continuarão sempre a coexistir. E talvez seja aí que se encontra a grande oportunidade:

sem renunciar a tudo aquilo que a inovação nos oferece, continuar a lutar e a defender, a partir da resistência, os espaços da fotografia analógica, da leitura de romances e da visualização de documentos históricos.

É também aí que está a chave para a inovação, para inventar e para criar novas formas.

A conversa pareceu-me maravilhosa. Agradeço-vos imenso.

Gostaria de terminar dando-vos um último minuto para uma conclusão, com a ideia que quiserem partilhar.

Horacio Ríos

Quero terminar com um vídeo.

A partir de seis mil fotografias, pensámos criar um material que chamasse a atenção.

Porque quem iria a uma exposição de fotografias jornalísticas sobre um jogador de futebol?

Talvez muitas pessoas, porque esse jogador de futebol é Messi.

Mas quem iria a uma exposição partindo de uma imagem fixa?

Por isso, uma parte do trabalho que realizámos no laboratório, nomeadamente através dos ecrãs que acompanham a exposição fotográfica, é este vídeo que, de alguma forma, retrata a convivência entre todos os géneros.

Assim, se pudermos ver o vídeo...

Gemma Carbó

Sabes que Sergio Lavert criou um espetáculo de dança a partir de Messi?

Horacio Ríos

Sim.

Parecia-me ser o lugar adequado para associar a fotografia a essa proposta.

E, na realidade, não devemos perder isso.

Concordo plenamente que são as contraposições do mercado que tornam os artistas muito mais fortes.

Para aqueles que consumimos este tipo de conceitos numa exposição artística, as melhores fotografias são as que quebram os eixos, as que se afastam dos pontos de atração, as que criam desequilíbrio através da luz.

E parece-me que isso depende de nós.

Continuará a depender de nós.

Joan Fontcuberta

Como epílogo, enquanto preparava aquilo que gostaria de dizer, encontrei uma citação de um escritor e ensaísta francês chamado Marco Olivier Caffier.

Parece-me que resume perfeitamente aquilo que queria explicar no âmbito da imagem, mas transpondo-o para um contexto muito mais geral.

Vou lê-la literalmente. Tenho-a em catalão.

«Cada consciência desperta continua a ser uma vitória contra a escuridão.

Cada leitor que rejeita as certezas imediatas.

Cada professor que transmite o gosto pela dúvida.

Cada cidadão que dedica tempo a compreender antes de reagir participa nesta lenta conquista interior a que chamamos liberdade.

Porque a verdadeira liberdade não é a ausência de restrições.

É a capacidade de ver com clareza, de distinguir a realidade do cenário, a verdade do ruído, o conhecimento da ilusão.

E talvez este seja o combate essencial do nosso século: aprender a voltar a acender candeeiros num mundo saturado de luz artificial.»